

A VOZ DO POVO

ORGAN DO PARTIDO REPUBLICANO

REDACTOR—J. A. COUTINHO

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO

ANNO I.

SANTA CATHARINA—DESTERRO—DOMINGO 20 DE SETEMBRO DE 1885

NUMERO 17

A VOZ DO POVO

O que é verdade

« As sociedades, disse o illustre Littré, não são pedaços de cera molle a que cada um dê a forma que entenda.

« Possuem em si uma força intrinseca, que annulla toda a influencia extrinseca que se lhe oppuzer. (*) »

Não fosse assim; não estivessem ellas, como partes do grande todo — o universo —, sujeitas a um conjunto de fatalidades; houvesse possibilidade de vontades individuais exercerem acção preponderante sobre o curso da evolução, e veríamos que o Brazil não teria dado um só passo, não teria conseguido um só melhoramento.

Felizmente, porém, os homens não são factores, são simples executores das vontades sociaes.

E' por isso que, ainda que morosamente, temos caminhado, temos avançado para as regiões que os ideaes vão descobrindo e que a acção do tempo vai tornando realidades.

Por nossa politica nada teríamos conseguido. Esta segue caminho bem diverso do apontado pela sciencia moderna, — conserva-se entre as nuvens da decrepita metaphysica.

E sua direcção, que deve ser a nossa direcção social, longe de haver procurado servir de auxilio ás correntes de progresso nacional, tem sido obstaculo constante ás espontaneas tendencias de aperfeiçoamento que entre nós têm desabrochado.

Em lugar de ir procurar seu nascimento e estudar sua direcção, para aproveitar-lhes inteiras as forças, a nossa politica tem primado por inutilisar, com sua malefica e perversora influencia, todas as tentativas de desenvolvimento que a nação tem visto nascer.

Em lugar de contribuir com elementos que avulsem na formação do progresso brasileiro, ella tem levantado barreiras á realisação de factos logicos, que a não terem em si a força precisa para conseguir vencer, teriam succumbido ante a sua ignorante resistencia.

Perante a moderna sciencia politica a missão dos governos reduz-se, tão somente, a estudar os movimentos sociaes e sua direcção para applicar medidas que ajudem a marcha natural dos phenomenos em evidencia, e levem-n'os a sua solução normal.

Os nossos governos, desconhecedores desta sábia prescripção, não submettem-se a seu legitimo papel, — pensam que os povos é que se devem moldar á feição das leis, e não estas á feição daquelles.

Emquanto isto, procuram legislar sobre tudo e a proposito de tudo — quer seja conhecida, quer não a materia sobre que vai influir a lei.

Apparece uma necessidade social, surge á superficie da consciencia publica uma nova questão. O governo não cogita si tem ou não competencia para solvel-a, — expede regulamentos, faz o poder legislativo promulgar leis e pensa assim ter contribuido para o engrandecimento do paiz, ter conseguido fazer que um povo broto appareça na desfolhada arvore da nação.

Tudo merece ser envolvido no regimen da anarchia, do caos; por isso nada ha entre nós que não tenha merecido decretos, regulamentos, avisos, excepções, etc., — uma multidão de absurdos confeccionados, que-remos crê-lo, na intenção de beneficiar a patria.

E com essa idiosincrasia legislativa temos só conseguido um resultado — entardecer o advento de muita cousa util, entrar a marcha de muita conquista grandiosa.

Por quasi todos os seus actos, por inumeros de seus pronunciamentos, o nosso governo tem sido continuo contrariador da espontaneidade de muitos movimentos, tem desviado os da trajectoria que a sociologia determina-lhes.

Não fosse assim, tivéssemos uma direcção sábia e estaríamos em invejavel estado de prosperidade, gozaríamos de importantes vantagens.

Não tivéssemos os elementos naturaes do progresso de lutar com os poderes encarregados de encaminhar sua solução, ás forças sociaes não se tivessem opposto os nossos governos e estaria hoje satisfeito um sem numero de necessidades, que, por ora, não passam de aspirações do paiz.

Mas, tendo de combater não só os adversarios fataes, como tambem os elementos que naturalmente deveriam servir-lhes de auxilio, as nossas forças sociaes não têm podido solver, no tempo que a normalidade determina, os phenomenos que no Brazil se tem agitado.

Dahi tem resultado grandes males, incalculaveis prejuizos. O problema do trabalho que desde o principio do reinado do primeiro imperador solicita solução, estaria de muito resolvido, não serviria de estorvo ao nosso progresso como está servindo hoje. A nossa organização administrativa seria completamente diversa. Mui diferente feição teria a nossa questão economica. Outro seria o nosso systema de governo. Organização politica e social seriam, em summa, cousa diversa do que são actualmente.

Mas com o retardamento que tem trazido á marcha da engrenagem nacional a influencia negativa dos governos, os phenomenos têm tido uma apparente paralisação e o limite de sua solução se tem notavelmente alongado no tempo.

Agora perguntamos: — quem o responsavel por este estado de cousas, por estas lamentaveis consequencias do absurdo caminho que temos seguido?

A nossa politica, tão somente ella.

Si outro fóra o seu ideal, si em lugar de ter em vista os arranjos de seus adherentes, ella cuidasse em dotar a patria com aquillo de que tanto necessita; si procurasse estabelecer um regimen de educação popular fortemente protector, e si tratasse de sua educação para formar um criterio seguro com que podesse julgar o estado do paiz, não estaríamos em pleno imperio da anarchia, em completamente caracterizado periodo de desordem. Teríamos visto brotarem do nosso despovoado terreno social e politico alguns arbustos promettedores e dentro de pouco tempo vel-o-íamos verdadeiramente neroso.

Mas não, politica entre nós não quer dizer um systema de idéas que constitua a arte de governar, quer dizer — arranjo, quer dizer — conveniencia, quer dizer — porta aberta a

todas as immoralidades, a todas as prevaricações.

E' por isso que não estamos em um regimen de logico governo, que não vivemos no reinado das prescripções da boa razão e do patriotismo.

Para que se seguisse a boa politica, para que se não fizesse guerra ao dever e á moral, era preciso que se abandonasse o personalismo, que prepondera; o interesse bastardo, que domina; a conveniencia mesquina, que impera.

Mas isso não se pôde fazer, isso prejudicaria a meia duzia de proeminentes chefes; eis a razão de nosso systema de absurdos, eis a causa de nosso inacreditavelmente estúpido regimen de direcção.

Por esta razão é que somos republicano.

Não somos partidario da applicação de abstractas theorias, que dependem de circumstancias muito complexas, aos governos dos povos.

Entendemos que o systema de governo é resultante logico do estado de civilisação e não poderá viver sem bases no estado social.

Entendemos que mais urgentes são aos povos determinadas conquistas sociaes que reformas politicas.

Mas, para que se consiga essas conquistas, para que se possa realizar um bom numero de melhoramentos sociaes, precisamos que o aparelho a isso se preste, que não o contrarie até em absoluto.

E, tem provado-o a nossa vida de nacionalidade, o aparelho monarchico é incompativel com os melhoramentos de que o paiz precisa.

Não é, pois, estranhavel, é até logico — que nada tenhamos obtido daquillo que ha tanto tempo tornou-se imprescindivel.

Que a nossa politica esteja desnaturada, que os nossos governos sejam entidades antagonicas com seus deveres, que rastegemos pela nullidade em materia de progresso e civilisação, é natural, perfeitamente natural, — em máo molde não se pôde fazer perfeitadas obras.

20 de Setembro

Acção e reacção, eis a synthese de todos os elementos que concorrem para a vida social.

Meio, raça, tradições, governos, educação, todos os factores, dão em resultado — a força que caminha e a força que resiste.

Da justa proporcionalidade entre ellas vem o equilibrio, que traz, como consequencia immediata — a ordem relativa.

Uma vez que os componentes deem preponderancia ao poder reaccionario ou ao revolucionario, esse equilibrio desaparece, desorganisa-se a ordem.

Nesses casos ha uma mais forte accumulacção de convergencia para um ponto que para outro, e, decorrido o periodo de vigorisação preciso para que se ponham em evidencia as direcções sociaes, rebenta a revolução.

Esta é, pois, um facto natural, perfeitamente logico.

Quando os antecedentes a formam, quando o caminhar historico de um povo vai gerando fructos que se hão de accumular e produzir o desequilibrio, não ha como obstar-a, não se torna possivel privar sua manifestação.

Assim como ninguem as pôde fazer, sinão o conjunto dos trabalhos da sociedade: as-

(*) Conservação, Revolução e Positivismo.

sim também ninguém pôde conseguir que abortem.

Mais tarde ou mais cedo, quando ellas o são verdadeiramente, as revoluções se hão de operar, uma vez que o desmantelamento da ordem tornou impossível a evolução.

Quando determinadas causas entravam o crescimento normal de um organismo, uma deformidade surge, sem que haja poderes que a privem.

Se poderá modificar a sua direcção, o seu effeito; mas em substancia ella permanecerá.

Na sociedade dá-se o mesmo. Os poderes humanos são capazes de transformar temporariamente os effeitos de uma revolução, podem dirigi-la, dentro de um certo limite, para diversos pontos; mas não podem fazer que appareça ou deixe de apparecer, quando é filha da historia, quando os antecedentes fatalmente determinaram-n'a.

Nas condições que estabelecemos acima está a gloriosa revolução rio-grandense, que produziu o inegualavel decenio de lutas contra o aniquilador poder do centro e da monarchia, e que trouxe como fructo logico — a *Republica de Piratiny*, a mais esplendida tradição da democracia brasileira.

Pelos factos que se haviam amontoado, pelos innumerables elementos que concorriam á formação da epoca, a revolução do Rio Grande tornou-se necessaria, inevitavel.

Não foi uma revolução de caudilhos, como dizem os regios historiographos. Foi um acontecimento fatal, que o tempo preparou e que as propicias condições de 35 fizeram rebentar.

O Brazil inteiro atravessava um periodo revolucionario desde a abdicação do Sr. Pedro I, não sendo, pois, de estranhar-se que o Rio Grande, em mais especiaes circunstancias que as outras suas irmãs, produzisse também uma revolução.

Por suas tradições, por sua posição geographica, por suas condições mesologicas, o Rio Grande fatalmente havia de produzir um povo cheio de valor e de energia, e amante axtremado dos gosos da liberdade.

Sobre esse povo difficil se tornaria um regimen de oppressão, impossivel seria o exercicio de uma longa tyrania.

O poder central, assustadoramente explorando tudo que as provincias apresentavam capaz de trazer uteis resultados, determinou nellas um enfraquecimento pronunciado, quebrou-lhes os instrumentos de progresso.

Uma luta disso resultou. O centro, precisando de satisfazer suas insaciaveis necessidades, opprimia as provincias.

Estas, impulsionadas por suas forças naturaes, foram corporificando elementos, que em condições determinadas haviam de apparecer e agir.

Assim aconteceu.

Depois de alguns annos de espoliação, algumas dellas tiveram como unica saída para tal estado de cousas — a revolução.

No Rio Grande mais fortemente que em nenhuma outra reagia o governo.

Um partido militar que lá formava-se, auxiliado pelos governantes, proclamava abertamente a necessidade de fazer-se voltar o imperador enxotado. Pesados impostos eram lançados sobre o povo. Não satisfazia-se absolutamente as aspirações da provincia.

Todos estes elementos unidos aos que existiam já de longa data, e ao proceder do delegado do governo imperial, fizeram que a revolução se iniciasse a 20 de Setembro de 1835. O que foi todos sabem, maxime em Santa Catharina, que foi parte nella.

Levados por intuitos de uma nobresa acima de todo o apreço, os revolucionarios de 35, contemporisaram quanto possivel com o estado de cousas que predominava então.

Quando viram porém, que impossivel era a convivencia com um estado que não encerrava promessas de melhoramentos, os rio-grandenses proclamaram a separação do Rio Grande, com a forma de governo republicano.

Apezar disso, declaravam em seu manifesto: — todas as provincias que resolverem tomar a mesma forma, comnosco poderão unir-se para formarmos juntos uma Republica Federativa!

Não podia haver maior elevação de vistas, não se pode exigir dos bravos do Rio Grande — um mais patriotico proceder.

Combateram sem treguas o governo usurpador e malefico do centro.

Lutaram quanto possivel pela firmiação de sua liberdade.

Quando, porém, viram que uma mais longa luta seria o quebramento completo de todas as forças que restavam á provincia; quando viram que a patria precisava de seus auxilios para combater o inimigo estrangeiro, os rio-grandenses fizeram a paz, firmaram um honroso contrato de união com o imperio.

Os officiaes que haviam batalhado pela Republica seriam conservados em seus postos, aos escravizados que haviam combatido pela liberdade da provincia, seria dada a liberdade individual, mil concessões faziam os representantes do governo brasileiro aos revolucionarios. — Nada havia, pois, de deshonroso na paz, quando a luta tornava-se quasi impossivel.

Fez-se a alliança, mas com toda a altivez, e quando não mais se podia prolongar a guerra.

Accusam ao Rio Grande por essa revolução.

E' isso antes de tudo — uma caracterisada estupidez.

Quando mesmo fosse ella condemnavel, só seria culpado immediato o governo central, que fez apparecer os motivos que aparentemente provocaram-n'a.

Não; não é condemnavel a revolução rio-grandense.

Toda força que tem hoje a provincia do Rio Grande, nella originou-se, com ella nasceu.

O estado do Rio Grande contemporaneo não é mais que consequencia desse decenio de lutas pelo progresso.

A 35 deve-se a importancia que a provincia tem hoje.

As gerações presentes que, por sem duvida, têm o espirito em melhores condições de desenvolvimento que os coevos da revolução, devem tomar as energias que estes possuíam, e tendo-os por exemplo, batalhar tenazmente, persistentemente as novas usurpações do illegitimo governo que dirige-nos.

Sejamos fortes, imitemos os *leões* de 35, que notavelmente se vai avolumando em nosso horizonte politico « a nuvem que encerra a futura revolução Brasileira ». Tomemos coragem no valor dos rio-grandenses revolucionarios, e preparemo-nos para fazer, unidos ao Brazil inteiro, aquillo que elles fizeram sós.

Lutemos, que é da luta que brota esplendido — o progresso.

Elles são assim....

Premeditada e hypocritamente intentam os chefes do principal partido monarchico convencer o povo muito principalmente o povo eleitor, de quem proximamente mais precisam, de que são inadaptaes as nossas idéas e falsas as nossas doutrinas; e que nós, republicanos, os que propagamos estas e adoptamos aquellas, em numero apenas de tres ou quatro, (dizem elles!) somos uns mentecaptos, individuos sem criterio, incendiarios, especuladores, zoilos revolucionarios, e.... não sabemos que mais.

E terminam sempre o seu exordio seductor dizendo á victima seduzida que no fim de contas não ha partido como o seu, idéas como as suas e abnegação, criterio e bom senso como o que elles têm!

O desgraçado que pouca ou nenhuma instrucção politica recebeu e tem a infelicidade de acreditar nessas insinuações estudadas calculadamente, fica com certeza fazendo de

nós um juizo que não nos pode ser muito favoravel.

Pelo menos julgar-nos-ha nihilista!...

Ainda ha dias um nosso distincto amigo, que nos faz a honra de acreditar e considerar o que escrevemos, trouxe ao nosso conhecimento que instando com um bom cidadão eleitor, que reside fóra desta capital, para lêr a nossa folha, este se recusára a isso dizendo-lhe que pelo que ouvira na casa do Sr. Fulano, chefe do seu partido da ordem, esta folha só continha falsidades e que o seu redactor e collaboradores são exactamente.... o que fica dito!

E dizem estas coisas assim ás escondidas, muito em particular e reservadamente: — em suas casas, nas ruas e praças e até nos corredores, etc. etc., de maneira que ninguém os perceba!...

Ainda se o dissessem na imprensa do seu partido, ou na tribuna, — em *eloquentes* discursos, tinham ao menos o direito de affirmar que peccariam pela sua franqueza, pelo defeito de sua instrucção politica, mas nunca pela hypocrisia de sua propaganda; e assim procedendo, faziam jus ao louvor da opinião publica.

Mas tal não é o seu procedimento.

Porque?

Porque a consciencia accusa-os de que nós refutariamos as suas asserções, demonstrando, sem contestação, com factos que a historia tem registrado ha seculos, que a politica de nossas idéas é a unica adoptavel, a mais severa, a mais economica, a mais progressista, a mais instructiva, a que melhores resultados tem produzido.

Porque têm plena convicção de que são intoleraveis o seu systema politico e o modo porque, devido a elle, são administrados os negocios publicos.

Porque, finalmente, estão mais que convencidos de que as nossas refutações ás suas idéas politicas, demonstradas daquelle modo, deixal-os-iam em pouco tempo isolados dos amigos co-religionarios que hoje ainda, por infelicidade sua e nossa, lhes dão maioria para vencerem, para triumpharem, para cantarem victoria nas luctas do combate politico.

Vencem ainda porque batalham traiçoeiramente, sem lealdade, promettendo tudo sem nada poderem nem deverem dar, empregando a força dos soldados do rei, opprimindo a liberdade do eleitor dependente e mentindo á Nação, apresentando-lhe programmas reformadores, que não cumprem.

São, portanto, fracos e falsos.

Deixem as eleições de todas as especies correr livremente, naturalmente, de maneira que a ellas concorram todos os cidadãos no gozo de seus direitos politicos, e nós lhes mostraremos se triumpham ou não a nossa causa, se se *temos sómente*, como elles dizem, *tres ou quatro* individuos constituindo o nosso partido.

Dêmos tempo ao tempo....

Pelos meios que empregam esses Srs., influentes em materia de politica monarchica, para alcançarem o triumpho que almejam, vão mal, erradamente, sem resultado lisongeiro; e a continuarem a segui-lo, têm forçosamente que succumbir ante a grandeza, o influxo, a utilidade e a exuberancia das idéas republicanas.

Empreguem todos os meios que lhes aprouver para afastarem de nós os bons cidadãos que se sentem dispostos a nos acompanhar nos sacrificios que fazemos para conseguirmos o bem da patria; não nos importa isso: o odio recairá sobre elles proprios.

Lancem-nos embora ao ridiculo de seus sarcasmos, — elle ficará consigo mesmo para sua maior vergonha, para seu completo arrendimento.

Ameacem-nos com todos os elementos de que elles e o rei dispõem: — o seu enfraquecimento e ruina serão mais rapidos, mais infalliveis.

Façam tudo isso e mais ainda, porque esse procedimento não causará estranheza ante a

educação politica em que se instruíram, em que se embriagaram.

Oh! mas, por Deus, não iludam o povo! Não lhe offereçam tudo, nada lhe podendo dar.

Não lhe promettam beneficios que para si proprios não podem conseguir por meios legais sem defraudar a Nação.

Não o induzam a seguir doutrinas que o tempo e os factos se incumbiram de justificar a sua falsidade.

Não promettam aos eleitorados concertos de pontes e de egrejas, construcção de estradas de ferro e de rodagem e outros grandes melhoramentos, para com taes promessas enganadoras e traçoceiras conseguirem votos contra a vontade dos que ainda lhes dão ganho de causa movidos pela esperança de verem mudado este triste estado do nosso paiz. Sejam por isso bons patriotas.

Nada podem fazer porque não podem fazer reformas, a menos que não tenham que supprimir a instituição monarchica, de que se origina o estado do nosso abatimento, e de sacrificar os interesses pessoas e partidarios, o que lhes não convem para não faltarem a todos os seus compromissos politicos.

Pois então, se são bons patriotas, já que não podem conseguir o que somente nós podemos obter, não levem-nos a mal que intentemos unir a nós grande numero de bons cidadãos patriotas, que conosco formem um partido grande e forte que, por meio de nossas idéas e isentos de compromissos de afilhadagem, façam do paiz o que o paiz pôde ser — o que deve ser — e não o que elle é.

E uma vez feito isto temos feito tudo.

E' o nosso e o seu dever.

O novo gabinete

Ninguém sabe ao certo qual será o presente ou futuro programma de governo do partido conservador, representado pela pessoa do illustrado Sr. Barão de Cotegipe.

Entretanto quem lêr os órgãos de publicidade da Côrte, nelles encontrará as chronicas parlamentares, das quaes concluirá que o Sr. presidente do conselho pretende fazer reformas: — reduzir o funcionalismo, diminuir subsidios, etc.

Isto é por enquanto; o resto virá depois, no decorrer dos tempos...

Pretende muito o Sr. presidente do conselho, mas... pretende somente; não garante nada do que pretende fazer, mas diz o que é preciso fazer, em parte, porque o resto não lhe faz conta que se saiba pela sua bocca.

Mas desse pouco que deseja fazer, quer S. Ex. demonstrar convincentemente ao paiz que sempre pretende fazer alguma cousa, embora pouco, ainda que este pouco fique reduzido à promessas... a nada.

O paiz e o povo, que se resignam a tudo, que se contentem com ellas.

Se, entretanto, o actual Sr. presidente do conselho fizer ao menos esse pouco que promete, e pela realisação da sua promessa fizer no parlamento questão de vida ou de morte, passará pelo dissabor de ter que arcar com uma opposição renhida movida pela camara temporaria por instancias dos chefes do seu partido de todas as provincias do imperio, devido á circumstancia de pretender S. Ex. supprimir cargos, encargos e lugares que, como muitos outros que não se podem supprimir já estão promettidos em duplicata por elles aos afilhados politicos de sua afilhado partidaria.

São, portanto, os chefes do partido do Sr. Barão de Cotegipe, compromettidissimos com a afilhadagem que lhes garante o ganho da causa que suas idéas politicas apregoam como melhor que a nossa, que não deixam levar a effeito qualquer reforma que S. Ex. intente fazer como chefe do gabinete.

O mal existe e consiste no actual systema politico — estragado, corrompido, pôdre.

A causa é a sede de governar, as ambições, os compromissos perante a afilhadagem.

Acreditamos até certo ponto que o Sr. presidente do conselho intente fazer algumas economias e uma ou outra reforma util; mas acima de seu puro intento, da sua boa vontade estão o poder *Bragantino*, que tudo tolhe desde que tenda a progresso, a desenvolvimento intellectual, e a condescendencia que tem de ter em toda a consideração com os chefes do seu partido, de quem precisa apoio para sustentar-se no poder.

Sobre a Independencia do Brazil

De uma opinião respeitavel e imparcial:

«A nação Brasileira commemora hoje o anniversario da sua emancipação politica. E' uma questão de direito que está resolvida ha sessenta e tres annos, mas que precisa ainda de algum modo ser consagrada pela questão de facto.

Desligamo-nos, é certo, da influencia estranha; mas ainda estamos longe de constituir a independencia de cada cidadão, unica que nos pôde garantir a verdadeira independencia nacional.

Vivemos sob um regimen aparentemente liberrimo, mas na realidade andamos sujeitos a todas as coacções. Temos a escravidão, que impede o desenvolvimento dos recursos naturaes do paiz pela assimilação de elementos novos; temos a religião do Estado, que escravisa as consciencias, permitindo ostensivamente aos acatholicos o exercicio de seu culto, mas restringindo-o no exercicio de alguns de seus direitos e levando a sua influencia nefasta a ponto de violentar o livre pensamento de nacionaes, obrigados em actos de vida civil a submeterem-se a formalidades ecclesiasticas que lhe não inspiram confiança; temos luctas estereis de partidos, não para a conquista do poder, porque ninguém aqui conquista o poder, que é dado de vez em quando de presente a este ou àquelle, mas para o usufruir uma vez recebido; temos um funcionalismo de afilhados, que não produz na proporção do que consome; instrucção publica apenas sufficiente para produzir bachareis que peroram, mas absolutamente incapaz de educar cerebros que pensem e homens que luctem; riquezas naturaes desaproveitadas por culpa da rotina; impostos de que são isentos os amigos, e que em favor dos amigos especialmente revertem; tudo, enfim, o que é preciso para fugir ás duas pontas do dilemma que propoz o principe D. Pedro, porque na subserviencia geral tudo se revolta contra a idéa de querer a morte á falta da independencia.

Da obra iniciada ás margens do Ypiranga pôde-se dizer que ainda não usufruimos senão o effeito scenico da phrase altisonante que a caracterizou; todas as suas illações praticas estão por tirar, e nem ao menos ouviram o famoso grito os poderes do Estado que a Constituição creou independentes.

E' esse máu exemplo de cima que infecciona as camadas subpostas; é a falta de todas as educações, — a educação litteraria, que moralisa pela familiaridade do espirito com o bello; a educação professional, que faz com que o homem ache em si recursos para adaptar-se a todos os meios e fazer-se senhor da sua vontade; a educação social, que faz da moralidade, não uma convenção, mas um attributo do individuo harmonicamente organizado, e lhe traça os limites a que chegam os seus direitos como aspiração a melhorar, e onde começam os seus deveres, que não são mais que a reciprocidade de direitos; e a educação politica, que o leva a accommodar o interesse do maior numero com os principios eternos do direito e da justiça; é a falta de todas essas educações que impede que se faça debaixo uma evolução capaz de solidificar a obra um tanto abstracta da revolução feita de cima, evolução que não pôde deixar de ser muito lenta, e que infelizmente ainda nem conhece as forças de que dispõe.

Mas é justamente porque confiamos n'esta

evolução, que tem de fazer-se, e que é dever de todo o bom patriota accelerar, que nos reunimos aos que festejam este dia solemne, não porque o consideremos a grande conquista, mas para apontarmos como uma aspiração aquillo que parece ter sido feito, mas que realmente está por fazer: — a nossa independencia.»

(Da *Gazeta de Noticias* da Côrte.)

Folgamos que os nossos collegas, criteriosos como o soe ser o da *Gazeta de Noticias* da Côrte, neutro em opiniões politicas, dissertem com tanta verdade e sensatez sobre o estado lastimoso de nossa patria.

A sua opinião é insuspeita e, por isso, confirma a nossa sobre a utilidade da adopção do nosso systema politico.

Cumpram assim todos o seu dever, como bons patriotas, e breve, muito breve triumphará a nossa opinião em favor da grande causa que com tanto ardor defendemos.

INTERESSES GERAES

E. F. Pedro I

Se ha assumptos de interesses geraes já muito seriamente discutidos, quer na imprensa que préza a sua reputação ideal e doutrinaria, quer na tribuna, onde os grandes e mais acrisolados vultos se distinguem e revelam seu elevado grau de patriotismo, o que versa sobre a E. F. Pedro I é um delles.

Depois do parecer da commissão fiscal, apresentado ao governo pelo engenheiro chefe Firmo de Mello, sobre os estudos preliminares dessa estrada, varias opiniões se apresentaram em todo o Imperio contrarias a elle e revoltadas contra o procedimento parcial e indigno dos que tão premeditadamente o elaboraram sem profundamento algum.

E se essa apresentação de opiniões foi demonstrada em todo o Imperio, com justa razão, o povo catharinense indignou-se plausivelmente e com mais razão ainda, porque mais uma vez comprehendeu que se attentava contra a sua autonomia, contra o progresso da sua provincia, contra a sua dignidade, contra os seus brios de bons cidadãos e contra a realidade do seu sonho dourado, que o impressionou durante vinte e tantos annos.

Estê povo, assim procedendo, e levando ao conhecimento do governo a sua indignação, a sua energia, a sua coragem, e a disposição que sente, pelo pulsar do seu coração patriótico, de sacrificar a sua propria vida pela realisação desse grande melhoramento que importa a felicidade de todo o paiz, deu provas de que está comprehendendo qual é a sua nobre missão, como bom brasileiro que é.

Devia tel-a comprehendido ha mais tempo; e assim, teriamos outro adiantamento; não vem tardia, comtudo, a sua comprehensão.

Mas a proposito desta questão, ou por outra, a proposito do máu effeito que aquelle parecer da referida commissão fiscal produziu no espirito da nossa população, e em virtude dos protestos desta e dos esforços da commissão nomeada pelo povo para pugnar pela construcção dessa estrada, todos os nossos collegas lembraram-se de noticiar o que se resolveu na reunião popular, que teve lugar no theatro Santa Izabel, menos de dar publicidade á representação que, sobre esse assumpto, a commissão referida dirigiu ao governo Imperial.

Até nós mesmo commettemos essa falta, que hoje reparamos, para que o povo tenha inteira sciencia do que se fez em seu e nosso beneficio.

Eis a representação:

« Senhor. — A commissão abaixo assignada, encarregada pelo povo da capital da provincia de Santa Catharina, em reunião solemne do dia 31 do passado, de reclamar contra o parecer da commissão fiscal da Estrada de Ferro de D. Pedro I, que desattende aos vi-

laes interesses do paiz, reconhecidos pelos poderes publicos na decretação da dita estrada, vem respeitadamente desempenhar-se do seu dever, demonstrando a injustiça e impropriedade do referido parecer ou relatorio.

« Não é exacto que a Estrada de Ferro de D. Pedro I seja um desastre, como affirma o engenheiro chefe da commissão fiscal, o qual para chegar a semelhante conclusão teve de abstrahir do ponto de partida ou porto escolhido pela companhia, circumstancia esta que modifica sensivelmente não só o custo da obra, como as suas condições estratergicas e commerciaes.

« De facto. Desde que a bahia ou porto do Desterro, e não o de S. Francisco, foi o preferido para ponto de partida da linha ferrea, parece que a commissão fiscal cumpria encerrar especialmente a questão sob este ponto de vista — o principal; e não basear todos os seus calculos e raciocinios sobre uma hypothese já eliminada — a do porto de S. Francisco.

« E, entretanto, quando a propria empresa reprova esse porto — por augmentar o custo do transporte de passageiros e mercadorias, um dos principaes objectivos da estrada e declara-se a favor do porto do Desterro, que a commissão fiscal abandona este, e emprega ingentes esforços para avolumar a custa principalmente do trecho, já condemnado, até S. Francisco, as difficuldades e desvantagens da D. Pedro I!

« Si estudarmos de boa fé e sem prevenção a estrada em questão, tal como a propõe a companhia pela sua commissão de estudos, e é do espirito da concessão legislativa, resultará a convicção de que — si ha necessidade urgente de ligar a provincia de S. Pedro do Sul com o resto do Imperio e de offerecer-lhe um novo porto que sirva ás necessidades de seu crescente commercio, nenhum outro projecto preencherá essas condições, senão o que faz objecto desta reclamação.

« Desastre seria, sem duvida, adoptar o plano que propõe o engenheiro chefe — o de uma estrada central — a qual além de não ter melhores vantagens estratergicas do que a de D. Pedro I, pois que estaria em todo o seu percurso sujeita a um golpe de mão do inimigo, que invadisse a nossa immensa fronteira, custaria uma somma fabulosa.

« A estrada de D. Pedro I, partindo da bahia do Desterro, como quer a companhia em virtude do seu contrato que lhe garante a escolha do mais conveniente porto, é perfeitamente estratergica; porquanto, defensavel, como facilmente pode tornar-se a dita bahia por meio de fortificações hoje mesmo indispensaveis, seguirá a estrada para o sul atravessando o interior de uma região, que tem por defesa natural uma costa do oceano celebre nos annos da navegação, inhospita e bravia, sem abrigos nem ancoradouro em toda a sua extensão.

« E' isto uma verdade sabida e que não soffre contestação, e foi sem duvida para tornar vulneravel sob este ponto de vista a estrada de D. Pedro I que se argumentou com as condições peculiares ao trajecto até S. Francisco.

« Omittio-se que, eliminado esse trajecto, diminua-se de um terço o custo da estrada e que esta ficava em condições estratergicas completas.

« Omittio-se tambem que a região da provincia atravessada pela linha, é a mais fertil do nosso territorio e que a sua população cada vez mais condempnada pela affluencia de immigrants que se encaminham para os vastos municipios do Tubarão e Araranguá, ali constitue nucleos importantes, a que a estrada virá dar vida e desenvolvimento.

« A rescisão do contracto da construcção da D. Pedro I, que parece desejar a commissão fiscal, é que seria um desastre politico, financeiro, de irreparaveis danos; além de ser para a provincia de Santa Catharina especialmente a postergação de verdadeiros direitos adquiridos, assentes na realisação desse melhoramento.

« Seria um desastre politico porque deixaria insolúvel o problema que aquella es-

trada é destinada a resolver — o de communicar as estradas da provincia de S. Pedro com um porto franco do Imperio, afim de attender ás necessidades estratergicas de segurança e integridade nacional.

« Seria um desastre financeiro porque o valor da indemnisação e seus juros gravará as finanças sem vantagem alguma.

« A empresa provou por occasião de requerer a garantia de juros que a sua renda nunca seria inferior a 4 %, vindo portanto a ser somente de 2 % a garantia effectiva do Estado, isto é, no maximo 800 contos annuaes, realisaveis só depois de construida a estrada.

« Dado que a indemnisação seja de dez mil contos, como é publico, resultará que além da perda total dessa quantia, os seus juros representarão uma somma de 600 contos annuaes.

« Deste modo, perderá o Estado essas sommas, ficando sem a estrada; ao passo que com um pouco mais, isto é, com um acrescimo de 200 contos, satisfazendo a fé de seu contracto, beneficiando duas provincias importantes, seria dotado com um melhoramento de incalculaveis vantagens.

« Para a provincia de Santa Catharina e o norte da de S. Pedro do Sul a não realisacão da estrada de ferro contratada causará os mais graves prejuizos, resultantes da depreciação de propriedades, que com a promessa daquelle melhoramento tinham subido de valor.

« Será, além disso um descredito para o nosso paiz a rescisão do contracto da estrada de D. Pedro I, como propõe a commissão fiscal, que se constitue nesta questão em parte accusadora, sendo todo o seu trabalho um polemica azeda, elaborado de animo prevenido e sob uma base que não é verdadeira, como ficou demonstrado.

« O povo desta capital, Senhor, protestando em nome de seus direitos offendidos contra o proceder dessa commissão, espera que o governo de Vossa Magestade Imperial mandará construir a dita estrada, a que se comprometteu.

« Desterro 1 de Agosto de 1885.

« ELYZEU GUILHERME DA SILVA — DR. ALEXANDRE MARCELLINO BAYMA — SEVERO FRANCISCO PEREIRA — GERMANO WENDHAUSEN — JOAQUIM DE SOUZA LOBO. »

Sobre esta estrada foi expedido da Côte, ha dias, um telegramma dirigido a pessoa aqui residente, concebido nestes termos;

« Camara autorizou governo rescindir contracto ou innovar sob outras condições... »

Se isto não é uma estratergia politica, como tantas outras que se tem sempre arranjado adrede em proximidade de eleições, para illudir o povo, significa então que a camara dos deputados fornece ao governo plenos poderes para mandar construir a Pedro I nas condições contractadas ou em outras innovadas de accordo entre as partes contractantes, ou para rescindir, convindo, o contracto com a companhia ingleza.

Qual será o resultado destes mysterios?...

E' a interrogação que fazemos a nós mesmos.

Veremos....

COLLABORAÇÃO

O imperador e a escravidão

Não era sem razão de ser o sorriso equivoquo que assomava aos labios dos homens sensatos — daquelles que não se deixam embair pelas côres seductoras dos rótulos falsos — ao vêrem o apêgo com que o monarcha brasileiro pugnava pela extirpação da escravatura.

Havia nessa tenacidade o que quer que fosse de anormal — de contrario ao caracter taciturno e indolente do velho rei, cujo espirito não é talhado ás luctas grandiosas do progresso.

Indifferente a tudo, menos ao seu amor proprio, ao seu bem estar — sorria-lhe sedu-

ctora a idéa de cercar o seu nome de algum prestigio, embora já no poente do seu reinado longo e monotono — queria remediar um erro de que só é o culpado, apezar desse laurel não ser mais do que uma corôa de saudades sobre o seu mausoléo de rei caduco....

Porém no melhor, no mais renbido da batalha, quando já o estrangeiro applaudia-o como um rei humanitario e digno, quando já a avalanche abolicionista submergia as senzalas, nivelando as condições — faltou-lhe a virtude condicional a todo o progresso — a perseverança....

Desistiu.... deu outro rumo ás suas idéas envelhecidas, revelando nesse procedimento ingrato para a patria — fraqueza e inconstancia, duas coisas que tão mal assentam em um rei!

Amedrontava-o a carranca dos escravidistas?

Muito mais devia amedrontal-o o silencio soberbo de desprezo com que o povo — o soberano — recebeu a noticia do acto que praticou — rodeiando-se dos proprios que estendiam-lhe os punhos cerrados, no furor de um egoismo absurdo.

A assenção do partido conservador aos degrãos do throno — tumulto do nosso progresso — equivale a um paradeiro terrivel ao movimento abolicionista.

Pobres escravizados! no melhor do vosso sonho, quando a patria, arrependida de vos ter proscripto, vos abria os braços de mãe carinhosa, suavizando-vos a dureza da condição que soffreis — eis que a vontade de um homem despertava-vos de chicote em punho, apontando-vos os tendões pardacentos dos captivos!..

Pobres escravizados!..

Não é o despeito pela quêda do liberalismo que nos leva a expressar-nos assim, pois todos conhecem as côres da nossa bandeira politica, — e sim a indignação que nos causa a escandalosa arbitrariedade commettida por um monarcha que, esquecido do que deve a si proprio, à patria e à constituição do paiz que representa, calca aos pés a vontade soberana de um povo, expressa na maioria do parlamento nacional!

Bonita pagina para a nossa historia politica, já tão saturada de episodios contristadores....

NOTICIARIO

O DISIMO DO PEIXE

Compromettemo-nos a tratar neste numero da questão do disimo que pagam os vendedores do peixe no mercado.

Deviamos fazel-o circumstanciadamente para attendermos ao compromisso do nosso promettimento e ás reclamações que nos fazem continuamente os vendedores desse genero.

Mas que resultados favoraveis a nós e aos nossos reclamantes conseguiriamos se nos occupassemos presentemente de questão tão séria, pela sua importancia social e industrial?

Nenhuns, absolutamente nenhuns, em consequencia de não funcionar presentemente a assembléa provincial e de não poder a presidencia derogar leis em vigor.

Em taes emmergencias, resolvemos adiar os commentarios desta questão para epoca mais opportuna, em que, com todo o criterio, nos compromettemos a tratar della.

Então demonstraremos que só nos tempos que vão longe é que se poderiam adoptar os impostos disimaes.

Da politica monarchica

COMEDIA-DRAMA EM ACTOS DIVERSOS

Ainda neste numero não podemos dar a nossos bondosos leitores a continuação da publicação desta obra, o que faremos no seguinte numero, que vai proporcionar occasião propicia.